

WISCONSIN INTERNATIONAL UNIVERSITY

DOUTORADO

ADMINISTRAÇÃO DE NEGÓCIOS

DIDÁTICA DO ENSINO SUPERIOR

O ASPECTO SITUACIONAL NA RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR, ALGUNS  
ASPECTOS DA ALTERIDADE

Por

REINALDO TOSO JÚNIOR

W1027

RESUMO

Tenta-se buscar a capacidade de contraposição do outro para que ocorra por parte do professor maior percepção da realidade social do grupo de estudantes com o qual trabalha. Analisa-se a alteridade sob alguns aspectos de modo a se criar o entendimento da necessidade da contextualização. Apresenta-se a contextualização como ferramenta da compreensão e para aproximar o que se ensina ao que se pratica sem perder os objetivos didáticos da disciplina.

## INTRODUÇÃO

A afirmação de que o ensino se dá em um espaço ou ambiente favorável ao aprendizado (LIBÂNEO 2003, p. 249 e MARTINS 2003, p. 164) leva a compreensão do papel do educador como o facilitador e o condutor deste processo favorável.

"Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente."

FREIRE 2000, p. 85

O papel do professor na formação universitária é fundamental, principalmente quando procura-se aproximar os conceitos ao cotidiano sem perder a ligação com a ciência. Esta necessidade de correlação ou de reunião social ocorre devido a penetração da classe trabalhadora nas escolas (MARTINS 2003, p.117) e segundo LIBÂNEO (2003, p.106) não basta ao professor conhecer o livro didático, este precisa conhecer a matéria para então instigar o aluno a pensar com conhecimento adquirido sobre um caso real, um assunto que o leve a se desenvolver seu intelecto.

## OBJETIVO

Este artigo tem o objetivo de apresentar e analisar sob um ponto de vista o aspecto situacional, formador de contextos (STRECK et al. 2001, p. 124), explicando a alteridade sob alguns enfoques.

Tenta-se buscar a capacidade de contraposição do outro para que ocorra por parte do professor maior percepção da realidade social do grupo de estudantes com o qual trabalha.

## DESENVOLVIMENTO

### 1- O QUE É ALTERIDADE

O termo alteridade, que é de uso corrente entre psicólogos, não é encontrado facilmente em dicionários e não é um termo comum às pessoas. Explicado de maneira muito simples pode-se dizer que alteridade é a capacidade de ser o "outro" de alguém (AMARAL 2003, p.25), o que envolve a capacidade educativa de oferecer referências claras e estáveis a alguém.

### 2- ALTERIDADE E ANTROPOLOGIA

Na antropologia observa-se o entendimento mais amplo da alteridade, pois as marcas de um determinado grupo social, tais como a dança, a língua, os usos e costumes, a alimentação, a vestimenta e a moradia, fornecem um complexo sócio-cultural que vai além da nossa capacidade formal de análise. Na antropologia esta transposição para o outro requer uma mudança na atitude do observador-pesquisador, é necessário ser intuitivo,

sensível e participar. O antropólogo emprega a alteridade ao participar de comunidades indígenas e ao viver com o grupo consegue perceber fatos e comportamentos que um observador isolado não perceberia: a percepção de um humano estudado do ponto de vista do próprio grupo.

Ao se analisar a alteridade do ponto de vista da antropologia precisa-se estudar a vida de um determinado grupo humano partindo-se da geografia macro da região e do grupo social parte-se do núcleo primordial que é a família. Os demais grupos sociais de convívio vão-se apresentando conforme ocorre o desenvolvimento do indivíduo: vizinhos, escola, amigos, bairro, colégio, faculdade, trabalho, etc.

Por ser um animal profundamente social a necessidade de se relacionar e de viver em grupo faz do homem uma criatura extremamente cooperativa. A capacidade humana de cooperar é diretamente relacionada à de compreender o outro, de se colocar no lugar de outro e ter a percepção das dificuldades e alegrias do próximo. Em JACOBS (2002) nota-se o quanto é relevante a importância do convívio social e no estabelecimento de vínculos desde cedo.

PACHECO (1999, p.117-126) estuda as habilidades do adolescente no convívio interpessoal e relata o quanto é importante o relacionamento social bem sucedido nesta etapa da vida, vale ressaltar que CAMPBELL (1990) explica que a alienação dos jovens na contemporaneidade é causada pela ausência de mitos e rituais de passagens que marquem a mudança entre a vida infantil e a vida adulta tão comum em sociedades primitivas, mas profundamente mais estáveis. REIS (1995) relata que na Idade Média a

figura da criança assumia função quase que figurativa e só era reconhecida a partir dos 7-8 anos e integrada ao mundo adulto sem nenhum tipo de ritual de passagem.

### 3- ALTERIDADE E PSICOLOGIA

A questão do “outro” quando se fala de alteridade na psicologia pode assumir a possibilidade do “outro” ser uma projeção ou um reconhecimento. No século XIX, com os trabalhos de Freud e de Jung, entre outros, a ampliação do conhecimento sobre a psique humana abre outras portas da ciência (REIS 1995). Angústia, vergonha, alegria, satisfação, etc., ganham nova conotação, os sentimentos começaram a ser explicados e a psique humana analisada cientificamente. A alteridade neste campo do conhecimento explica o reconhecimento do próximo e do EU íntimo das pessoas ou seja, cria-se a auto-imagem (MARINHO 1994).

Ao se analisar a psique é possível compreender as relações humanas e seus conflitos, colocando-se no lugar de professores e alunos consegue-se compreender fraquezas e potencialidades antes ocultas no conflitos (TOLOSA 2003)

### 4- ALTERIDADE E PSICOPEDAGOGIA

A alteridade na educação vai tratar de trabalhar com as imagens do outro que percorrem a educação: o chamado à relação com o outro, a invenção negativa do outro, o outro como mistério e o eu como refém do outro. A partir de uma perspectiva política, poética e filosófica, estuda-se o outro em dois níveis diferenciados: o outro não específico

e o outro específico e as diferenças de corpo, raça, cultura, religião, etc. (ALMEIDA, 1998). A questão do outro é pensada em suas implicações para os discursos e as práticas pedagógicas. Na adolescência a consciência vislumbra a importância da alteridade, enquanto que na infância é identificação. Na adolescência inicia-se a experimentação mais profunda e até ousada nos horizontes da alteridade, mas o início é freqüentemente mais incorreto e desajeitado e mal interpretado (MARTURANO 1999).

O adolescente quer independência e ao mesmo tempo projeta-se em ídolos, vestindo-se e agindo como seus heróis, o adolescente pratica a alteridade, é o início de quem quer impor-se com idéias próprias para tornar-se alguém no futuro próximo. Esta busca se orientada é sadia, porque ensaia a alteridade, mas como esse mesmo adolescente receia e é inseguro em romper com a infância encontra uma solução precária: de identificar-se dos pais e identificar-se com seu grupo local, se não for orientado (o grupo todo) acaba alienando-se da sociedade ao viver em uma pseudo-sociedade paralela.

Nesta procura por um grupo que o desligue da infância (os pais são parte do elo, mas o elo está na mente dele) e este grupo à princípio original torna-se massificado e imitativo e a adolescência torna-se um ensaio para a alteridade.

A alteridade é uma forma de expressar e sustentar a maturidade de um educador. O educador capaz de expor, propor, impor, limitar e transigir como "alter" do seu aluno consegue o equilíbrio e previne problemas sociais e de aprendizado (ALMEIDA 1998).

## CONCLUSÃO

A alteridade sob o ponto de vista das abordagens até aqui descritas não responde e nem pode ser a única forma de enfoque ou de análise de problemas ligados à aprendizagem de adolescentes e adultos. Mesmo sendo uma poderosa ferramenta de análise não pode constituir-se no único mecanismo de interpretação, mesmo que esta abordagem seja multidisciplinar.

A análise de um observador independente, desvinculado dos fatos, pode ser útil ao lançarem-se propostas inéditas por estar justamente fora do contexto e com isso vislumbrar meios e métodos além daquele ambiente, mas não se pode negar que a alteridade é um processo poderoso na identificação de fraquezas e potenciais em grupos humanos e na condução de atividades docentes, interpretativo, intuitivo, sensível e profundamente envolvido por contextos histórico-sociais repletos de variáveis incontroláveis, fatos típicos das abordagens de estudos de caso (YIN, 2001).

Esta abordagem multidisciplinar e rica pode ajudar o educador no nível superior no entendimento do contexto sócio-cultural do grupo e não desprezar o conteúdo cultural de cada indivíduo e “trazer” este conhecimento para dentro da aula.

Esta aproximação faz-se por meio das experiências e estudos de caso dirigidos e com isso aumenta-se o aproveitamento e melhora-se a capacitação do grupo na resolução de problemas práticos dentro dos objetivos da disciplina.

Por meio deste exercício justifica-se a importância da alteridade como ferramenta de contraposição na sala de aula para aumentar a aproximação por meio da compreensão do contexto social em suas muitas áreas e implicações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Sandra Francesca Conte. O Papel da Escola na Educação e Prevenção em saúde mental. São Paulo: VII Congresso Paulista de Pediatria, 28/03-01/04 de 1998.
- AMARAL, Silvia. Psicopedagogia; um portal para a inserção social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athenas, 1990.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede; a era da informação: economia, sociedade e cultura, volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia; saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- JACOBS, S. H. Estimulando a Mente do Seu Bebê. Masdras, São Paulo, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARINHO, Bertani. A auto-imagem e o Processo de Auto-realização. São Paulo: Insight– Psicopedagogia, 1994.
- MARTINS, Pura Lúcia Oliver. A didática e as contradições da prática. Campinas: Papyrus, 2003.
- MARTURANO, Edna Maria. Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola. São Paulo: Universidade de São Paulo; Psicologia, Teoria e Pesquisa, Mai-Ago, 1999, Vol. 15 n. 2 pp 135-142.
- PACHECO, Janaína T.B et al. Estilos Parentais e Desenvolvimento de Habilidades Sociais na Adolescência. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Psicologia, Teoria e Pesquisa, Mai-Ago, 1999, Vol. 15 n. 2 pp 117-126.
- REIS, Cristina Maria Cortezzi. A Criança de Ontem e de Hoje. Espaço Criança.. São Paulo: Escritos Psicoanalíticos, Vol. 1 N°1, Março de 1995.



**STRECK, Danilo R. et al.** Paulo Freire; ética, utopia e educação. **Petrópolis: Vozes, 2001.**

**TOLOSA, Dora Elisa Rodrigues.** Com Afeto: professores necessitam de espaço para extravasar emoções. **São Paulo: Revista Educação, Janeiro de 2003.**

**YIN, Robert K.** Estudo de Caso; Planejamento e Métodos. **Porto Alegre: Bookman, 2001.**

Jundiaí, 02 de Maio de 2004